

# AS CAÇADAS DE PEDRINHO E A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NO LEITOR INFANTOJUVENIL: UMA PESQUISA DE CAMPO

Camila Cravo Matos \*

## Resumo

Este trabalho constituiu-se em uma discussão inicial a respeito da assunção da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito. Como objetivo principal pretende-se verificar os efeitos éticos e estéticos despertados no público infantojuvenil, após leitura do texto de Monteiro Lobato “As caçadas de Pedrinho”, incidindo especificamente no capítulo denominado ‘O assalto das onças’, capítulo caracterizado pela presença de termos racistas. Procede-se à pesquisa de campo com um grupo de leitores, baseando-se nas teorias supracitadas e na análise do desenvolvimento cognitivo infantil realizadas por Jean Piaget. Através da pesquisa de campo e da análise dos questionários, verificou-se a não influência ética e estética do texto literário no público leitor.

\* Universidade do Estado de Minas Gerais

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, Literatura, Estética da Recepção.

## INTRODUÇÃO

Que Monteiro Lobato foi um divisor de águas na arte literária destinada ao público infantojuvenil não resta dúvida, principalmente quanto à importância da literatura na formação intelectual e cognitiva do cidadão. Entretanto, quando se questiona acerca das construções internamente realizadas pelo público infantil, quer seja no ato da leitura, quer seja posterior a ela, a partir dos mais variados textos literários e, nesse caso específico, a partir de Lobato, pairam dúvidas quanto à construção psíquica dos conceitos e quanto à elaboração de noções de mundo e de indivíduo por parte desse público.

Em 1920, Monteiro inicia suas obras destinadas à infância e à adolescência,

marcando uma ruptura com a maneira com a qual se apresentava a literatura infantojuvenil da época. Ao estabelecer um novo rumo a esta literatura, antes comprometida com fins disciplinadores, instrutivos, ideológicos e moralizantes, Lobato estabelece uma nova perspectiva quanto aos temas e aos seus elementos formais.

O trabalho tem a pretensão de analisar como os textos de Monteiro Lobato influenciam as crianças dos dias atuais e como elas conseguem apreender essa necessidade de rompimento, de quebra, que permeia suas obras. Poder-se-ia afirmar se, para elas, essas mensagens relacionadas ao espírito escravocrata e, ao mesmo tempo republicano, período no qual o autor se





formou como homem e cidadão, fazem sentido hoje.

Partindo da perspectiva da Teoria do Efeito, mais precisamente, através “Dos cinco tópicos da Estética da Recepção”<sup>1</sup>, essas questões serão averiguadas para investigar como um grupo específico de crianças de classe média alta interpreta atualmente um trecho da obra lobatiana “Caçadas de Pedrinho”. Será observado, sobretudo, o grau de importância estabelecido por elas em relação às referências discriminatórias feitas e dirigidas à personagem Tia Nastácia, no capítulo “O assalto das onças”, da obra ‘Caçadas de Pedrinho’ (LOBATO, 2009).

### **A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO DE JAUSS E A TEORIA DO EFEITO DE ISER**

Em 1967, em uma palestra ministrada na Universidade de Constança, na Alemanha, Hans Robert Jauss, sob o título “O que é e com que fim se estuda a história da literatura?”, dissertou criticamente sobre as posturas tomadas pela teoria literária, ao longo da história da literatura, quanto aos métodos de ensino utilizados, que considerava tradicionais (ZILBERMAN, 1989). Reivindicava a superação de uma metodologia que se encontrava presa aos padrões do século XIX, promovendo, por sua vez, uma teoria da literatura pautada no reconhecimento da historicidade. A teoria literária, nesse período, pretendia ocupar-se somente das estruturas textuais, e considerava que o texto, autossuficiente e absoluto, adquiria significado por meio de sua organização interna.

Para a Estética da Recepção, no entanto, existe um terceiro fator em jogo: o leitor. Jauss fundamenta sua teoria sobre a recepção a partir de sete teses. A primeira delas trata da historicidade da literatura, que se atualiza conforme o leitor em seu tempo histórico. Na segunda

tese, Jauss (1994) afirma que é o saber prévio de um público, ou o seu horizonte de expectativas situado para além das subjetividades do indivíduo, que determina a compreensão textual. A terceira tese discute a questão do valor estético da obra, ao longo do tempo. Na quarta, propõe-se uma releitura do texto promovendo uma discussão com os objetivos alcançados no leitor passado e presente. Nas três últimas teses, por fim, propõe-se o estudo da obra pelo viés metodológico, observando, em sua quinta tese, o aspecto diacrônico, na sexta, o aspecto sincrônico e, na sétima, as questões relacionadas à vida e à literatura, dando sentido à última (COSTA, 2006).

A Estética da Recepção, por Jauss (1994), corroborou para uma mudança de papéis na análise dos textos literários, ao atribuir ao leitor, enquanto ser coletivo, as análises dos parâmetros estéticos e historiográficos da obra em determinada época.

A teoria construída por Iser, a Teoria do Efeito, origina-se nos estudos de Roman Ingarden (1970), que buscava analisar os efeitos da obra literária no público leitor no processo de leitura. Iser (1996), realçando a necessidade de uma consciência ativa e crítica para análises e interpretações mais bem elaboradas, concebe a leitura de textos literários como uma forma de elevação da consciência. Propõe ao leitor uma participação no texto, dando-lhe a confiança de interpretar livremente a obra literária, desde que com a premissa de que haja coerência (EAGLETON, 1997, p. 111).

Em seu texto “A interação do texto com o leitor”, expõe o exemplo do preenchimento dos pontos de indeterminação de Ingarden:

Quando, por exemplo, em uma narrativa se fala do destino de um velho, mas nada se diz sobre a cor

1 Cinco Tópicos da Estética da Recepção: <http://www.stewardschool.org/ftpimages/366/download/Middle%20School%20Reader%20Response.pdf>



de seus cabelos, na concretização, em princípio, pode-se lhe dar qualquer uma, mas, provavelmente, são grisalhos. Se, apesar de sua idade, tivesse cabelos bem negros, isso seria digno de menção, algo importante sobre o velho que pareceria mais novo. Assim, se é aconselhável por qualquer razão artística, é mais verossímil e desejável concretizar este senhor com cabelos grisalhos, do que descrevê-los com cabelos pretos. Deste modo, a concretização deste detalhe, a torna mais próxima da obra do que outras concretizações que oferecem outras soluções (INGARDEN, p. 275 apud ISER).

Percebe-se que Iser julga necessária a utilização de informações pormenorizadas quando esta é relevante para o sentido da narrativa. Do contrário, quem construirá tal representação de sentidos será o leitor, a partir das impressões de sua própria leitura. Além disso, Iser considera a intencionalidade autoral em relação ao vazio textual deixado nas obras literárias, que permitem ao leitor a possibilidade de inúmeras construções interpretativas sobre a trama. O teórico ressalta a importância das estruturas piagetianas, das construções de sentido, e as implicações operacionais para o sujeito que se permite vivenciar, conscientemente, através das imagens expressas no texto (ISER, p. 131, 1979).

Tanto a Teoria do Efeito quanto a Teoria da Estética da Recepção deram vivacidade aos fundamentos da teoria literária, ao oferecer, à figura do leitor, visibilidade e participação como sujeito construtor de significados. Tais teorias levam o leitor à busca de interpretações cada vez mais complexas, à procura de sentidos mais estruturados, ao conceber a literatura como objeto de provocação. Enquanto Jauss centraliza seus estudos no fenômeno da resposta pública ao texto, Wolfgang Iser, seu contemporâneo, busca respostas para seus questionamentos no ato individual da leitura.

É importante ressaltar que essas teorias não afetam, tampouco anulam, a importância da criação literária e as estratégias de construção textual, mas pode-se dizer que o uso da linguagem, bem como os aspectos culturais e ideológicos passaram a ser, também, analisados pela perspectiva do leitor.

### **A POLÊMICA RACISTA EM TORNO DA OBRA LOBATIANA**

Tem-se transmitido de maneira polêmica, por meio da mídia, a postura ideológica racista apresentada nas obras infantis de Monteiro Lobato. Na academia, há cerca de quinze anos, essa temática tem sido abordada por pesquisadoras como Marisa Lajolo, Zinda Vasconcelos, Carmem Lúcia Azevedo, Cilza Bignoto, mas somente em 2010, após denúncia de racismo feita à Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o assunto dirige-se do âmbito acadêmico ao público. A denúncia, mesmo carente de respaldo legal, foi encaminhada ao Conselho Nacional de Educação (CNE), que quase vetou a distribuição das referidas obras para as bibliotecas das escolas nacionais, e não tendo aprovação suficiente, conseguiu que os livros fossem distribuídos com ressalvas para as escolas.

É importante salientar que este trabalho não tem a intenção de estabelecer juízo de valores sobre os textos de Lobato. Pretende verificar pragmática e empiricamente como sua leitura influencia a visão de mundo da criança, ainda em formação, no ato da fruição literária. Refletindo acerca do livro de Piaget, 'Cinco estudos de educação Moral', destaca-se o excerto em que o autor trata da imposição de regras de convivência ditadas pelos adultos:

Quanto à adesão aos grupos e à autonomia, pode-se crer, em realidade, que a palavra do professor, mesmo que respeitada, possa valer mais por si mesma que a experiência verdadeira? Quem será o melhor





cidadão ou o espírito mais racional e moralmente livre? Aquele que tenha ouvido falar, mesmo que com entusiasmo, da pátria e das realidades espirituais, ou aquele que tenha vivido em uma república escolar o respeito à solidariedade e a necessidade da lei? Não nos é permitido hoje resolver esta questão sem consultarmos a experiência, e esta nos parece realizada (PIAGET, 1996,16).

Diante disso, cabe questionar até que ponto um grupo social, nesse caso, leitores de Lobato, torna-se preconceituoso ao entrar em contato com leituras carregadas de preconceito, ou por outra, se a leitura seria geradora de pessoas racistas, falocratas, antissemitas, islamofóbicas, xenofóbicas, entre outros. A partir dessa ideia, questiona-se ainda a validade de imposições textuais em detrimento de experiências carregadas de solidariedade.

Debitando na experiência as possibilidades de construções psíquicas virtuosas nas crianças em formação, Piaget (1996) insiste que não basta falar ou ler sobre exposições racistas ou protecionistas para com uma raça ou etnia; ao contrário, para que a criança desenvolva a autonomia em relação ao respectivo assunto, faz-se necessária a experiência através de vivências concretas.

### **ANALISANDO O CAPÍTULO “O ASSALTO DAS ONÇAS”**

Considerando os pressupostos teóricos tratados anteriormente, sobretudo da Teoria do Efeito, cabe indagar se, por meio dela, é possível que se percebam os efeitos estéticos e interpretativos de análise textual em crianças de 10 a 11 anos de idade. Para isso, propôs-se um trabalho em torno do capítulo intitulado “O assalto das onças”, da obra ‘Caçadas de Pedrinho’, de Monteiro Lobato.

A escolha foi tomada de acordo com o histórico de referências pejorativas

ao negro, especificamente para com a personagem Tia Nastácia:

(...) Só então a pobre negra se convenceu de que tinha errado. Correu como uma desvairada às pernas de pau que Pedrinho lhe tinha feito. Nada achou. A Cléo havia se utilizado delas. Olhou aflita para a escada. Bobagens, escada! As onças também trepariam pelos degraus. Seus olhos esbugalhados procuravam inutilmente a salvação. – Trepas no mastro! – gritou-lhe a Cléo. Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida de seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca velha de carvão... – Estão vendo? – disse o onço, passando a língua pela beíçaria. O nosso banquete vai começar pela sobremesa. O furrundu está dizendo que não agüenta mais e vai descer... Não foi sem tempo. Tia Nastácia já estava no chão, escarrapachada ao pé do mastro, mais morta do que viva, suando o suor frio da morte. Se as granadas da Emília não tivessem produzido aquele maravilhoso resultado, a boa negra realmente não escaparia de virar furrundu de onça... – E você, pretura? Tia Nastácia não pode responder (...). (LOBATO, 2009,p.37)

Segundo Piaget, no período compreendido entre sete e onze anos, a criança atinge o estágio de “mobilidade de reflexão”, ou seja, torna-se capaz de realizações intelectuais. Nessa fase, a criança é capaz de distinguir com precisão as partes do todo, manipular com segurança os termos relativos, as seriações e os grupamentos, representando mentalmente atividades complexas. Ainda nessa fase do desenvolvimento infantil, aperfeiçoam-se os sentidos de moralidade e justiça – justiça retributiva através de punições, mas baseada em princípios igualitários, não daquela atribuída à fase adulta (PIAGET, 1986).

É importante saber que a criança aqui analisada já consegue processar as partes de um texto, sendo capaz de estabelecer as próprias relações, bem



como de construir seu próprio juízo de valor, atuando de maneira autônoma, dentro das capacidades psicológicas próprias de sua faixa etária.

quarenta alunos, com idades entre dez e onze anos.

Inspirando-se em um estudo realizado nas escolas secundárias dos Estados Unidos da América – “GENERAL RECOMMENDATIONS FOR A READER RESPONSE” – (Recomendações Gerais para a resposta ao leitor), a atividade constou de “5 Tópicos da Estética da Recepção”, a partir do seguinte questionário.

**PONDO MÃOS À OBRA**

Num encontro de 1 hora e 30 minutos, o trabalho foi realizado com duas classes escolares de uma escola da rede particular de ensino, do município de Cataguases (MG), com um total de

Nome:	Série:
Escola:	

Livro: *Caçadas de Pedrinho*  
Capítulo: “O assalto das onças”

**1. Antes de começar a leitura.**

Pense sobre o título: Qual poderia ser o significado do título? Em que o título faz você pensar? Quais são suas expectativas sobre o texto?

**2. Depois de ler o primeiro capítulo, ou parte.**

O que você acha que vai acontecer no resto do texto? Explique por que você acha que vai ser assim. Não é necessário alcançar a resposta certa, mas pode fazer uma projeção.

**3. Depois de ler metade da narrativa.**

Fazer um resumo dos problemas que as personagens estão encontrando. Sugerir as soluções possíveis. Descrever por que você acha sua solução lógica.

**4. Antes de ler a parte final da narrativa.**

Todos os problemas foram solucionados? De que forma? A parte final lhe deu uma conclusão satisfatória? Está faltando alguma coisa?

**5. Depois de terminar a narrativa.**

Faça duas colunas sobre o que você gostou e que você não gostou. Faça uma lista completa de tudo. Depois escolha uma coisa de que você gostou e comente o porquê de sua escolha. Agora uma coisa de que você não gostou e comente o motivo de sua escolha.

Do que eu GOSTEI!

Do que eu não GOSTEI!


Duas turmas do 5º ano encontravam-se em sala de aula, reunidas e preparadas para a atividade, que teve início com a apresentação do pesquisador deste trabalho e com explicações sobre a obra de Monteiro Lobato, objeto da

pesquisa. Considerando que o público alvo é aluno leitor, que convive com as obras literárias e tem acesso às mesmas, na medida em que tem contato com o universo ficcional tanto na escola quanto em casa, houve significativo





interesse quanto à participação no trabalho. Foi distribuída uma cópia do capítulo “Caçadas da Onça” para cada aluno, que recebeu a instrução para que o trabalho fosse realizado em cinco etapas.

Na 1ª etapa, antes que começassem suas leituras, foi-lhes solicitado que pensassem sobre o título do capítulo, que refletissem sobre seu possível significado e, a partir dele, quais seriam as suas expectativas.

Na 2ª etapa, tendo como base um trecho previamente escolhido (página 38 do capítulo, até o oitavo parágrafo, na página 39), foi solicitada uma leitura, seguida de registros, em espaço já demarcado, contendo respostas às seguintes indagações: “O que você acha que vai acontecer no resto do texto? Explique por que você acha que vai ser assim?” Para isso, havia a seguinte instrução: “Não é necessário alcançar a resposta certa, mas pode-se fazer uma projeção”.

Na 3ª etapa, prosseguiu-se a leitura até o décimo terceiro parágrafo, ainda na página 39, quando os alunos foram instruídos a elaborar um resumo acerca dos problemas enfrentados pelas personagens, sugerindo possíveis soluções e descrevendo o porquê de considerarem lógica a solução sugerida.

A 4ª etapa consistiu na leitura do último parágrafo da página 39 até o último parágrafo da página 41. Terminada a leitura, foram-lhes solicitadas considerações sobre a solução dos problemas e sobre a conclusão do texto.

A 5ª etapa consistiu no fechamento do trabalho: conclusões alcançadas pelas crianças, as quais deveriam registrar em duas colunas (já demarcadas em seus questionários) os aspectos que lhes agradaram ou não, elegendo, ainda, um tópico de preferência, seguido de uma justificativa.

## A VOZ DAS CRIANÇAS

Foi esclarecido, anteriormente, que o foco central do trabalho recairia na análise das interpretações feitas a partir da leitura das crianças, envolvendo os aspectos discriminatórios em torno da raça e etnia negra, sofrida na figura da personagem “Tia Nastácia”, presente na obra ‘Caçadas de Pedrinho’ (LOBATO, 2009).

Tais análises receberão o escopo da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito: a partir da primeira, serão investigados aspectos literários e estéticos dentro do contexto histórico global, percebendo a obra e seu impacto no leitor de ontem e hoje, como coletividade; a partir da segunda, analisar-se-á o impacto estético causado no leitor como individualidade – suas interpretações, sua participação como preenchimento dos vazios das obras literárias e sua capacidade estabelecer coerência com o texto.

Partindo da perspectiva da Estética da Recepção, cabe analisar os seguintes dados: durante aproximadamente 25 anos, período correspondente aos anos 1920 a 1945, Monteiro Lobato escreve para um público infantojuvenil, popularizando sua obra (PENTEADO, 1997). Segundo correspondência enviada por Lobato a Rangel, a tiragem de seus livros já ultrapassava um milhão de exemplares, no ano de 1943 (LOBATO, 1999). Para melhor averiguar acerca de outras mídias existentes, foram encontradas valiosas informações em Penteado(1997): “estima-se que, na década de 1930, havia uma emissora de rádio para cada 2.180.000 habitantes, ao passo que, em 1940, a estatística mudou de uma para cada 550.000 e, finalmente, em 1950, de um para 173.000”. Com relação às mídias televisivas, através da Associação Brasileira da Indústria Eletrônica, verificou-se que, em 1951, havia disponíveis, no Brasil, 3.500 aparelhos de TV; em relação à existência de periódicos destinados ao público



infantil, constatou-se que, em 1944, a imprensa periódica era de 31 volumes, sendo nula em 1950.

Lygia Bojunga, Ruth Rocha e Ana Maria Machado podem ser consideradas “filhas de Lobato” (SILVA, 2009), em virtude da sua influência tanto na infância quanto na carreira das escritoras. Relatado pelo próprio autor, “Das “caçadas de Pedrinho”, ao seu amigo Rangel, sua satisfação com relação às centenas de cartas dos leitores mirins que servia para amenizar seus dissabores enfrentados em outros ramos de sua vida pessoal (LOBATO, 2008).

Partindo da perspectiva da Teoria do Efeito e dos “5 Tópicos da Estética da Recepção”, houve o cuidado de averiguar o que pensa a criança, hoje, ao ler Monteiro Lobato. Os questionários foram organizados de forma que as crianças pudessem trabalhar suas ideias livremente, mesmo com o direcionamento típico da didatização da literatura, fenômeno promovido nas escolas, quando a leitura literária deixa de acontecer simplesmente pelo prazer e fruição, ganhando status de disciplina curricular com toda carga de cobranças inerentes (COELHO, 2010,p.174).

Trabalhando livremente, como se percebeu na primeira etapa do questionário, pela leitura do título, os alunos tiveram a oportunidade de, internamente, imaginar e construir hipóteses acerca do texto. Embora todo o processo de criação imaginária seja livre, com o estabelecimento de suas relações, segue-se a lógica proposta pelo ritmo da narrativa (ISER, 1996), de forma a demonstrar maturidade na leitura, construindo hipóteses coerentes com o trecho lido, como estas: “Eu acho que as crianças vão fazer alguma coisa para espantar as onças (Xarassi)”. “Imagino que o onço viúvo ache uma namorada para se casar (Beves)”. “Eu acho que o Pedrinho e seus amigos irão espantar as onças e todos irão ficar felizes. Porque eles estavam armando uma armadilha (Leres)”. “Eu acho que depois as onças

vão tentar subir mais vão cair pois, Pedrinho e Emília irão jogar algum objeto e elas irão embora (Pennes)”. “Eu acho que as onças vão desistir e ir embora (Veiras)”. “Eu acho que eles vão montar uma armadilha para aqueles animais e depois fazer uma festa de comemoração (Robo)”.

Percebe-se que, embora algumas escrituras construam trechos mais complexos e outras deem resultados mais práticos, todas são coerentes com o enredo, seguindo a lógica do texto. Em nenhum questionário (2ª etapa), foram verificados termos pejorativos ou relacionados à questão do preconceito racial com relação à personagem Tia Nastácia.

Na terceira etapa, logo após a leitura de mais um trecho da narrativa, é feito pelos alunos um resumo acerca das dificuldades enfrentadas pelas personagens. São convidados, por conseguinte, a sugerirem soluções lógicas para tais dificuldades. Ressaltam-se algumas dessas soluções arquitetadas pelas crianças: “O problema é que Tia Nastácia está escorregando do mastro e a minha solução é construir um muro e vai ser melhor porque vai separar as onças da Tia Nastácia (Moares)”. “As onças não sairiam de lá/ Eles teriam que jogar algo para elas saírem/ Elas sairiam de algum jeito/ Tia Nastácia não estava aguentando/ Eles seguravam-na/ Daria um pouco certo (Xarcia)”.

O problema central enfrentado pelas personagens no trecho em questão envolvia o perigo que sentiram pela chegada das onças, cachorros-do-mato e iraras. É importante destacar a preocupação das duas crianças com a Tia Nastácia: percebe-se que estão envolvidas positivamente e não a desmerecem por ser negra ou empregada doméstica. Vale ressaltar que, nesse trecho, o narrador refere-se à Tia Nastácia nos seguintes termos: “(...) e Tia Nastácia, esquecida de seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma





macaca de carvão, pelo mastro de São Pedro acima...” (Lobato, 2009).

Ainda trabalhando as observações feitas com relação à terceira etapa do trabalho, e levando em consideração o “Efeito” e a “Recepção”, percebe-se como os olhares podem ser plurais com relação ao mesmo assunto: “Pedrinho e sua turma estavam quase caindo do mastro, só que em vez da Emília tampar as bombas de caçunungas nas onças, tampá-las perto das onças, pois as caçunungas são as mais terríveis vespas e poderiam ferir e até matar as onças, porque elas estão em extinção (Gereira)”. “Os personagens estavam passando por o problema de não conseguir sair de casa porque as onças não deixavam. Eu acho que deveriam jogar alguma coisa e fugiriam. Acho que deviam também jogar uma carne com remédio para dormir e fugiriam (Zodrigo)”. “Eles estão sendo atacados por onças, querem comê-las, estão perseguindo elas. Eles podem chamar o IBAMA para tirá-las dali (Macheco)”. “Os personagens estão com problemas porque o onço da floresta atacou eles. Eu acho que não tem solução (Mobo)”.

Desde a postura mais conformista, descrita no momento em que Lobo diz não haver solução para o problema, até a postura ambientalista, no diálogo de Gereira, Zodrigo e Macheco, com relação à proteção das onças, pode-se perceber a existência de conhecimentos prévios (ISER, 1979), responsáveis por direcionar as expectativas do leitor até o desfecho da trama. No texto distribuído, não se tratou da extinção das onças e de nosso dever de protegê-las, tampouco houve alguma manifestação acerca do órgão

governamental IBAMA (Instituto de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), suscitando a ideia de que somos o somatório do aprendido, do observado e do vivenciado, e não será a leitura de uma narrativa fantástica que nos tornará racistas. Juntamente com Piaget:

Cabe à sociedade fixar os objetivos da educação que ela fornece às gerações ascendentes. Aliás, é o que ela faz sempre de modo soberano, e de duas maneiras. Fixa-os inicialmente de uma forma espontânea por meio dos imperativos da linguagem, dos usos, da opinião, da família, das necessidades econômicas etc., isto é, por intermédio das formas múltiplas da ação coletiva através das quais as sociedades se conservam e se transformam, plasmando cada nova geração no molde estático ou imóvel das gerações precedentes. A seguir, fixa-os de maneira reflexiva por meio dos órgãos do Estado ou das instituições particulares, consoante os tipos considerados de educação (PIAGET, 1985,p. ).

Na quarta etapa do questionário, sem terem ainda lido o trecho em questão, solicitou-se aos alunos que verificassem se todos os problemas foram solucionados, para, em seguida, fazer as observações finais em relação à satisfação quanto à expectativa da leitura. A maioria das crianças confirmou que, na sua opinião, nada faltou na história: 34 delas achou a parte final conclusiva, 5 discordaram do desfecho, e 1 criança não conseguiu responder a questão. Verificou-se, através da fala dos alunos, o porquê da insatisfação para com o término do capítulo: “Acho só que Monteiro Lobato poderia ter estendido um pouco este capítulo (Obramson)”. “No final (Xeres)”. “Para mim faltou mais do que eu esperava... faltou um desfecho mais





completo e depois o que aconteceu com as onças (Pamar)”. “Sim, o final deveria ser melhor, e as vespas e cachorros do mato deveriam ter matado a onça (Espíndola)”.

Embora Oramson e Xeres tenham demonstrado insatisfação com relação ao desfecho da narrativa, nenhum deles soube descrever um possível final. Por outro lado, constatou-se que, para Pamar, Espíndola e Mazola, suas criações tiveram coerência subjacente ao contexto da narrativa ficcional. Espíndola chega a propor uma reviravolta na história: sugere que as vespas e cachorros do mato deveriam comer a onça. Mazola propõe um almoço da bicharada.

É importante verificar que as explicações de Espíndola e Mazola estão carregadas do espírito ficcional e não se pode dizer que estão propondo um jantar real de animais silvestres em extinção. Através dessas falas, poder-se-ia afirmar que, nas histórias infantis, o maravilhoso é responsável pela construção de sentido da narrativa, e juntamente com Bettelheim (1986), não se pode, com risco de ser radical, proceder de forma a disciplinar a fantasia infantil.

(...) O pensamento da criança permanece animista até a idade da puberdade. Seus pais e professores lhe dizem que as coisas não podem sentir e agir; e por mais que ela finja acreditar nisto para agradar a estes adultos, ou para não ser ridicularizada, Bem no fundo a criança sabe melhor. Sujeita aos ensinamentos racionais dos outros, a criança apenas enterra seu 'conhecimento verdadeiro', mas no fundo de sua alma permanece intocada pela racionalidade (BETTELHEIM,1986,p.60).

Por fim, a quinta e última etapa revelam o momento em que as crianças encontram maior liberdade para a

realização da atividade, quando elas assinalam, numa pequena listagem, suas preferências ou não, explicitando, como era de se esperar, divergências de opiniões.

Por fim, foram discutidas as opiniões relacionadas à personagem Tia Nastácia: dos quarenta questionários analisados, vinte citam a personagem nessa etapa final; cinco deles dizem que uma de suas partes preferidas foi a queda de Tia Nastácia do mastro de São Pedro; outros dois elegem esse momento como o ápice da história e justificam suas escolhas por acharem o tombo engraçado. Nos treze questionários em que Tia Nastácia também é citada, para três deles, a pior parte foi quando Tia Nastácia, de tanto susto, para de falar; em outros dois, é mencionado o momento de seu tombo como a parte ruim da história, mas não como a pior; os nove restantes, para os quais a pior parte da história foi o tombo de Tia Nastácia, estão transcritos a seguir: “ Eu não gostei da Tia Nastácia caindo no chão (Muarte)”. “Da Tia Nastácia ter caído no chão. Porque ela deve ter machucado (Pariquito)”. “Da parte que Tia Nastácia caiu, porque ela pode ter machucado (Talvaro)”. “Eu não gostei da Tia Nastácia cair no chão, porque ela está de idade (Vargas)”. “Porque eu não gostaria de cair da árvore (Laia)”. “Porque Nastácia poderia ter machucado (Tilva Filho)”. “ Não gostei porque ela se machucou (Moares)”. “Tia Nastácia morreu (Melgado)”.

Nenhuma criança interpretou os momentos em que Tia Nastácia aparecia referindo-se à sua cor e à sua posição social. Nota-se que gostaram de ler sobre seu tombo, pois acharam engraçado vê-la cair, como em qualquer cena de filme em que as crianças vibram ao assistir situações divertidas que vivem os





personagens. Algumas crianças também reconheceram Tia Nastácia como uma mulher de idade avançada, por isso condoeram-se com a situação, transferindo para a realidade fora da narrativa e colocando-se em seu lugar. Foi-lhes passada socialmente a importância do respeito aos idosos, tanto quanto a moral cristã de que devemos nos colocar no lugar do outro, construindo, dessa maneira, sua interpretação dentro dessa lógica moralizante.

Concluindo o questionário, pode-se dizer que não houve qualquer referência racista ou discriminatória em relação ao texto trabalhado. Quer seja pelo fato de ser uma obra literária e o público a quem se destina possuir discernimento sobre o que é realidade e ficção, quer seja pela educação voltada à não sectarização, não se verificou a construção estereotipada de uma raça-etnia a partir desse texto literário. Verificou-se, de acordo com Coelho, a verdadeira pretensão de Lobato ao construir o universo do sítio do Picapau Amarelo:

Todas as demais personagens que formam a constelação familiar do Sítio do Picapau Amarelo são arquétipos: Narizinho e Pedrinho – crianças sadias, alegres e sem problemas, que servem para dar suporte à tramados acontecimentos e em geral para servirem de contraponto à boneca. D. Benta, a avó ideal. Ti Nastácia, o símbolo idealizado da raça negra, afetuosa e humilde, que está em nossa gênese de povo e foi a melhor fonte das histórias que alimentaram a imaginação e fantasia de gerações e gerações de brasileiros (COELHO, 2000, p.254).

Ainda com COELHO (2000), podemos considerar que a personagem é preta e ignorante, bem aos moldes do real, no início do séc. XX, e, dentro da perspectiva do universo literário construído por Lobato, não há lugar para preconceitos. Aliás, ele constrói cada um de seus personagens com substratos dicotômicos, bem próximos de nós

mesmos, saindo da linha literária moralizante da época. Não raro, ao fazer uma crítica cruel à realidade vivenciada naquele período histórico, trabalha o maravilhoso de maneira realista.

## CONCLUSÃO

É preciso compreender que o produto literário é um fenômeno de linguagem, originado das experiências existenciais do autor, da sua trajetória de vida, dos seus momentos sociais e culturais, bem como de suas interpretações acerca das relações humanas. A leitura, portanto, estabeleceu-se como um lugar de diálogo entre leitor e texto, como a construção de interpretações do presente acerca de manifestações construídas no passado, o lugar desempenhado pelo autor e a construção de seu texto.

A leitura do texto “O assalto das onças”, pelas crianças que participaram do trabalho foi esclarecedora para reconhecer que não há, entre elas, um pensamento que se considere discriminatório e/ou racista. Percebe-se claramente que nas cenas estereotipadas, elas não percebem essa distinção.

Por meio da Teoria da Recepção e da Teoria do Efeito, vivencia-se a recepção estética da obra e o efeito produzido por ela. Através dos “filhos de Lobato”, constatou-se a não manifestação do espírito sectário e racista de leitores do passado. Atualmente verificou-se, através da interpretação dos questionários, a não manifestação de posições discriminatórias.

A criança está sujeita ao grupo social no qual se encontra inserida e é vivenciadora de construções humanistas e solidárias que se esboçam nas respostas obtidas pelos questionários. Vale dizer, portanto, que as influências do meio em que se manifesta o sujeito é pré-requisito de opiniões eivadas de espírito racista e não a leitura de fruição ou leitura pedagogizante dos textos de Monteiro Lobato.



# THE HUNTS PEDRINHO AND CONSTRUCTION OF MEANING IN CHILDREN'S READER: A FIELD SURVEY

## ABSTRACT

This work consisted in an initial discussion on the assumption of Reception Aesthetics and the Theory of the Effect. Main objective is intended to check the ethical and aesthetic effects on the public infantojuvenil awakened after reading the text of Monteiro Lobato "The hunts Little Pete", focusing specifically in the chapter called 'The assault of oz', Chapter characterized by the presence of racist terms . Proceeds to the field research with a group of readers, based on the above theories and analysis of children's cognitive development conducted by Jean Piaget. Through field research and analysis of questionnaires, it was not influencing of ethics and aesthetics of the literary text on the reading public.

**Keywords:** Monteiro Lobato, Literature, Aesthetics of Reception.

Artigo submetido para publicação em: 26/09/2011

Aceito em: 30/11/2011

## REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986 BRASIL. Associação Brasileira da Indústria Eletrônica. **ABINEE**. Disponível em: [www.abinee.org.br/](http://www.abinee.org.br/) Acesso em :29 de jul. 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura infantil/juvenil. Das origens indo- europeias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.
- COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva .**Estética da recepção e teoria do efeito**. Disponível em [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/modules/.../visit.php?cid](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/modules/.../visit.php?cid). Acesso em: 20 de jul. 2011.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert ET alii. **A Literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. P.83-132.
- ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1e 2.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Campinas, Unicamp: IEL, 1998.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho** São Paulo: Globo, 2009.
- PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os Filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.





PIAGET, Jean. **Cinco estudos sobre educação moral**. Organizador Lino de Macedo. São Paulo : Casa do Psicólogo,1996.

\_\_\_\_\_, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro Editora: Forense,1996.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_, Regina. A Estética da Recepção no horizonte dos anos 60. In:\_\_\_\_\_.**Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. p. 8-12.

\_\_\_\_\_, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil e juvenil brasileira: história, autores e textos**. São Paulo: Global, 2008.